

A GRAMATICALIZAÇÃO DE *A GENTE* EM PORTUGUÊS EM TEMPO REAL DE LONGA E DE CURTA DURAÇÃO: RETENÇÃO E MUDANÇA NA ESPECIFICAÇÃO DOS TRAÇOS INTRÍNSECOS

Célia Regina dos Santos LOPES – Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo analisa a inserção da expressão a gente no sistema pronominal do português como um processo de variação e mudança de longa duração. Embora os traços formais e semântico-discursivos do nome gente e da forma pronominal a gente não sejam idênticos atualmente em português, discute-se a manutenção e perda de algumas propriedades da classe original e a adoção de características tipicamente pronominais à luz dos princípios da persistência e decategorização propostos por Hopper. Com base em corpora orais gravados, no Rio de Janeiro, nas décadas de 70 e 90 (amostra NURC-RJ) e 80 e 2000 (amostra PEUL-RJ), são apresentados alguns resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos para a discussão do atual estágio da substituição de nós por a gente em termos do comportamento da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

pronomes pessoais; variação e mudança no sistema pronominal do português; gramaticalização.

1. Introdução

A implementação, principalmente no português do Brasil, das formas gramaticalizadas *ocê* e *a gente* criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis. Por derivar de uma forma nominal que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o emprego de *ocê* na interlocução acarretou, por exemplo, um rearranjo no sistema pronominal (Faraco, 1996) com a fusão do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular e com a eliminação do paradigma de 2ª pes-

so do plural. Novas possibilidades combinatórias tornaram-se usuais: *você* com *te~lbe~o(a)*, *teu~seu/tua~sua*, etc e *vocês* com *lbes~vocês~os*, *seus~teus,de vocês* etc. Em síntese, houve alterações nas outras sub-categorias pronominais (possessivos, oblíquos átonos e tônicos) como ilustram os exemplos a seguir: *Você_i disse que eu te_i encontraria aqui para pegar o teu_i/seu_i livro. Você_i conseguiu o que eu te_i/lbe_i pedi?* Embora ainda condenada pela gramática, a famigerada “mistura de tratamento” atingiu também o imperativo com o “crescimento do uso da forma de imperativo referente ao sujeito *tu*, mesmo quando o tratamento do ouvinte se faz com *você*” (Paredes Silva, 2000:116; Scherre *et al*, 2000), evidenciado no recorrente exemplo publicitário veiculado pela mídia “**Vem para Caixa você também²**”.

Outra reestruturação ocorreu no paradigma verbal que perde sua riqueza em termos flexionais passando de seis para três formas básicas (*eu falo*, *você/tu/ele/a gente fala*, *vocês/eles falam*). Duarte (1993, 1995), discutindo, a partir de seu trabalho de 1993, a mudança de parâmetro *pro-drop*, defende que o português do Brasil estaria passando de uma língua de *sujeito nulo* para uma língua de *sujeito pleno*. A perda da desinência verbal dá aos novos pronomes o *status* de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória. Constatam-se, assim, alterações morfosintáticas: introdução de novas formas pronominais, simplificação do paradigma verbal, preenchimento obrigatório do sujeito e ordem mais rígida na sentença. Além disso, há ainda a acepção indeterminadora dos novos pronomes *você/a gente*. Lopes (1993) conclui que com o pronome *a gente* o falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas.

¹ Além das diferenças regionais em termos do português do Brasil, há estudos (Menon, 1995) que mostram como um dos condicionantes para o emprego de *te* ou *lbe*, o caráter mais íntimo do primeiro e não-íntimo ou mais formal do segundo.

² Combinação de imperativo de 2ª pessoa com a forma *você*.

O objetivo principal deste trabalho é discutir, particularmente, a origem do processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, na tentativa de mapear a cronologia desse fenômeno e de mostrar as conseqüências da implementação da nova variante no sistema pronominal.

2. Os *corpora* utilizados

Com base em dois tipos de *corpora*, analisa-se a inserção de *a gente*, no sistema pronominal do português, como um processo de mudança *em tempo real de longa duração* (do português arcaico ao português contemporâneo) e *em tempo real de curta duração* pelo confronto de dois momentos distintos no português do Brasil.

Por se privilegiar uma visão panorâmica da gramaticalização de *a gente*, buscando 1) delimitar cronologicamente a fase histórica em que se processa essa transição de nome para pronome; 2) identificar as possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português e 3) enquadrar o fenômeno como uma mudança *encaixada* no sistema lingüístico e social, foram realizados dois estudos conjugados:

O primeiro deles traça o percurso histórico de *gente* para *a gente em tempo real de longa duração*, a partir da atuação das propriedades intrínsecas de *gênero*, *número* e *pessoa* no processo de gramaticalização do substantivo *gente*. Correlacionado a este estudo, procura-se estabelecer uma relação entre a perda da forma *bomem* como pronome indefinido, no português arcaico, e a pronominalização do substantivo *gente*, cristalizado na forma *a gente*. Para a análise *na longa duração*, foram utilizados textos escritos do século XIII ao século XX (vide Lopes 2003:48-51).

O segundo analisa, nos dados de fala do século XX (quando a gramaticalização já está implementada), a variação entre *a gente* e *nós*, traçando os caminhos da mudança. O *corpus*-base desse estudo *em tempo real de curta duração* foi constituído por entrevistas de falantes

cultos cariocas³ feitas na década de 70 e na década de 90 com informantes diferentes para análise do comportamento da comunidade — estudo de tendências — Labov (1994). Serão apresentados também, para uma análise contrastiva, os resultados dos estudos feitos por Omena (2003) e Vianna (2003) com base na fala de indivíduos, nascidos no Rio de Janeiro, com nível de escolaridade médio (*corpus* do Projeto PEUL-CENSO)

3. Alguns pressupostos teórico-metodológicos: o fenômeno da gramaticalização

A forma *a gente* originou-se de uma expressão nominal, o substantivo *gente* que, ao assumir, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra classe/categoria. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização que, grosso modo, ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais⁴. (cf. Traugott & Heine, 1991 e Hopper & Traugott, 1993, Heine, 2003, Castilho, 1997, entre outros). Percebe-se um processo contínuo de regularidade e previsibilidade no momento em que o item perde a eventualidade criativa do discurso para ser regido por restrições gramaticais. É como se os elementos lexicais fossem perdendo suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o léxico na gramática, assumindo, por exemplo, funções anafóricas e expressando noções gramaticais como tempo-modo, aspecto, etc.

Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, revigorados nas décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk (1991) retomam a

³ Projeto NURC/RJ – Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro.

⁴ Torna-se mais gramatical significa dizer que o item passa a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se previsível em termos de uso (Martelotta *et alii*, 1996:46)

discussão sobre o *problema da transição* (Weinreich, Labov & Herzog 1968) e defendem ser o gradualismo inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Postula-se, inclusive que, por ser um fenômeno contínuo, a gramaticalização não é um processo que possa se extinguir. Tal perspectiva não contradiz os princípios da teoria Sociolinguística laboviana (Weinreich, Labov & Herzog, 1968) quando defende que os fatores que produzem mudanças, não só no âmbito lingüístico, como também no da vida humana, não são abruptos e repentinos, mas atuam lenta e gradualmente, e é por isso que a mudança lingüística requer a observação de dois ou mais estágios de uma língua. Na trajetória da mudança, há estágios intermediários em que formas em conflito se distribuem irregularmente entre falantes e ouvintes num processo que pode aparentemente durar séculos.

A gramaticalização, por seu caráter contínuo, pressupõe, principalmente nos estágios iniciais, a coexistência entre novos valores/ usos ao lado dos antigos e a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas. O princípio da *persistência* de Hopper (1991:124) confirma essa perspectiva, quando se postula que “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical”. A gramaticalização de *ille* (pronome demonstrativo latino) para *ele* (pronome pessoal do português) exemplificaria bem tal posição. O pronome pessoal ele mantém a propriedade de flexão de gênero (*ele/ela*) e número (*ele/ eles*) dos demonstrativos. Os pronomes pessoais “legítimos” não sofrem flexão de gênero/número (*eu/nós, tu/vós*), pois são itens lexicais diferentes, e não a variação de um mesmo item. Considera-se que as formas de primeira e segunda pessoas teriam uma maior dimensão pragmática, no sentido de serem os verdadeiros vocábulos dêiticos situacionais. As formas de terceira pessoa são em geral menos situacionais e mais textuais, ou seja, anafóricos. Além disso, a forma ele (de *ille*) caracteriza-se como a “não-pessoa” em oposição às verdadeiras pessoas do

discurso (quem fala *eu* versus quem ouve *tu*). Pode-se dizer, ainda, que a forma de terceira pessoa se comporta mais freqüentemente como elemento anafórico do que dêitico, o que é mais raro para as outras pessoas.

Na gramaticalização de *gente* (nome) > *a gente* (pronome) ocorre o mesmo. Nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+ EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um “falante + alguém”, numa frase do tipo *a gente_i precisa comprar a nossa_i própria casa*. Tal comportamento remete-nos ainda ao princípio da *decategorização* (Hopper, 1991) que consiste na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome) e adoção dos atributos da categoria-destino (forma pronominal).

Com o intuito de caracterizar a especificação formal (morfo-sintática) e semântica de *a gente*, levou-se em conta a alteração dos traços de *gênero*, *número* e *pessoa* durante o processo de gramaticalização. Tal procedimento se justifica por se estar tentando explicar a combinação de *a gente* com adjetivos no predicativo do tipo: “*a gente* está *atrasada(s)/atrasado(s)*”. Busca-se discutir que tipo de concordância é hoje a mais comum e qual a relação dessa concordância com o referente ou com a pessoa que emite tal enunciado. O principal objetivo é observar a correlação desse tipo de concordância que ocorre atualmente com *a gente* com aquela que ocorria com o substantivo feminino *gente*, visando entender o processo pelo qual o substantivo passou, até se gramatizar em *a gente* pronominal.

Adotaram-se, como veremos, as noções de subespecificação propostas por Rooryck (1994): os traços variáveis [α] e os não-

variáveis [Ø]. O autor defende que uma especificação [α] admite um valor positivo “+” ou negativo “-” para um dado atributo, enquanto um traço Ø (*default* ou neutro) encobre um atributo com nenhum valor. Procurando uma representação econômica em termos de sistema de traços, propõe-se, no caso do gênero, a distinção binária, partindo do traço “fem(inino)” como forma marcada e representando o “masculino” – forma não-marcada por excelência em português – por [-fem]. Com relação aos traços de número optou-se pela oposição: [+pl] (=plural) ou [-pl] (=singular). Para o atributo “pessoa”, propõe-se a utilização do traço [eu] que seria mais ou menos marcado: [+eu] e [-eu]. Embora aparentemente tanto “tu” quanto “ele” sejam eventuais candidatos ao traço [-eu], defende-se que a noção de pessoa remete à situação lingüística, à enunciação, ao intercâmbio verbal, que pressupõe duas pessoas: o locutor e o interlocutor (ou alocutário). A dita terceira pessoa está fora deste eixo dialógico: é o que Benveniste (1988) chamou de “não-pessoa”, pois pode ser o próprio objeto da enunciação, o enunciado. Por essa razão, codifica-se [+eu] para 1ª pessoa, [-eu] para a 2ª pessoa (pronomes pessoais “legítimos”) e [φeu] para a “não-pessoa” (a dita 3ª pessoa).

Levando-se em conta a não-correspondência obrigatória entre forma e sentido, postulou-se que os traços deveriam ser desmembrados em dois atributos, um formal e um semântico-discursivo como será discutido posteriormente.

4. A alteração no sistema de traços e alguns resultados empíricos: de *gente* > *a gente*

Lopes (1999, 2003) propõe que tenha havido as seguintes alterações no sistema de traços de *gente* > *a gente*, sintetizadas no quadro abaixo:

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
NÚMERO	FORMAL	[αpl]	[-pl]
	SEMÂNTICO	[+PL]	[+PL]
GÊNERO	FORMAL	[+fem]	[φ fem]
	SEMÂNTICO	[φFEM]	[αFEM]
PESSOA	FORMAL	[φeu]	[φeu]
	SEMÂNTICO	[φEU]	[+EU]

Quadro 1 – Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de *gente* e *a gente* (adaptado de Lopes, 2003:37)

4.1. A perda da subespecificação do traço de número

Na análise dos dados na longa duração – do século XIII ao XX –, Lopes (1999, 2003) observou a concordância interna no SN, estabelecendo o controle da presença do *traço de número* no substantivo *gente*. O intuito era, pois, marcar cronologicamente a perda da subespecificação do número formal [αpl] que pode ter sido decisiva nesse processo evolutivo de *gente* > *a gente*.

O *traço formal de número* plural, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. Os resultados evidenciam que o substantivo *gente* apresentava com nitidez as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número [apl], ou seja, podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). Já no século XVI, identificou-se um percentual significativo de 74% de ausência do *traço de número* plural. A partir desse período, que coincide com o desaparecimento do emprego de *homem* como indefinido, a perda do *traço de número* plural é acelerada, atingindo 100% no século XX. Embora a subespecificação de número se faça presente até o século XIX, o traço [-pl] (uso de *gente* apenas no singular) ganha terreno ao longo do tempo, firmando-se como uso categórico no século XX. Os exemplos a seguir elucidam o uso subespecificado do traço de número utilizado do século XIII ao XV-XVI:

[1] “Quen viu o mundo qual o eu já vi,
e viu as gentes [+pl] que eran enton...” (Séc. XIII, CA, Vasconcelos
1990:v. 6692)

[2] “e aque a gente [-pl] vem
a doo de Rachel” (Séc. XIII, CSM, Mettmann, 1972)

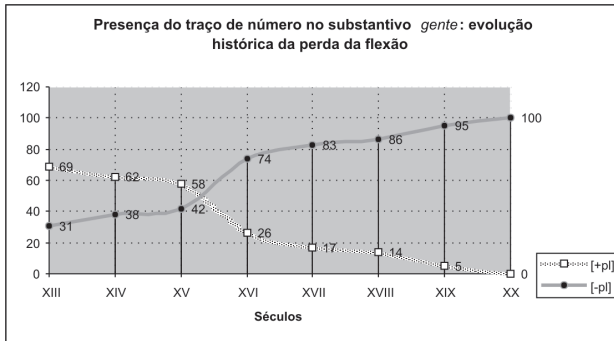


Figura 1 – Perda do traço de número no substantivo *gente*

Como diz Heine & Reh (1984:42), uma simplificação no processo de gramaticalização pode envolver a perda de uma distinção gramatical que continua semanticamente presente [+PL]. A perda da subespecificação de número não significa que a pluralidade é semanticamente irrelevante; significa apenas que é gramaticalmente irrelevante.

4.2. Gênero: a perda do traço formal e o ganho da subespecificação semântico-discursiva

Além da mudança com relação às propriedades de número, propõe-se que, com a gramaticalização do substantivo *gente*, tenha havi-

do também uma alteração nos traços de gênero, sejam eles formais ou semânticos⁵. A matriz lexical minimamente especificada do substantivo não apresentava correlação entre forma e sentido, pois o substantivo *gente* não impõe restrições quanto ao sexo dos referentes, uma vez que se refere a um grupamento de pessoas [+genérico]. No seu processo de pronominalização, a forma *a gente* pronominal, apesar de não ter gênero formal como os outros pronomes pessoais legítimos (*eu, tu, nós, vós*), apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero: [αFEM] (admite referência ora a homens, ora a mulheres, a depender do adjetivo com o qual concorda).

Os resultados de Lopes (1999, 2003) mostraram que no período arcaico, mais precisamente entre o século XIII e o XV, havia uma grande variedade de concordância no predicativo, envolvendo basicamente o plural, até porque *gente*, como discutido anteriormente, era subespecificado quanto ao número. Na amostra analisada por Lopes (1999), foram identificados 23 dados, 08 deles apresentando concordância com um adjetivo no feminino-singular [+fem, -pl], 09 no feminino-plural [+fem, +pl] e 06 no masculino-plural [-fem, +pl]. Verificou-se, como era esperado, que a combinação do substantivo *gente* com formas sintáticas que apresentassem os traços [+fem] (do tipo “*toda a gente da aldeia ficou arrasada*”) era freqüente (17/23, 73%), havendo apenas certa variação de número (15/23, 65% para [+pl]) (*todas as gentes da aldeia ficaram arrasadas*) e 08/23, 35% para [-pl] (*toda a gente da aldeia ficou arrasada*). A partir do século XVI, essas possibilidades de concordância vão paulatinamente diminuindo em termos de freqüência de uso. Nos séculos XIX e XX a concordância torna-se categórica para o feminino singular.

Com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([φfem]) do mesmo modo que ocorre com as outras

⁵ Os traços semânticos são representados aqui por letras maiúsculas.

formas pronominais de primeira e segunda pessoas (*eu/nós, tu/você(s)/vós*) que não têm gênero formal. No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço [ΦFEM] que não esclarecia necessariamente o gênero semântico do referente, com a pronominalização, passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM], uma vez que *a gente* pode combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino dependendo do gênero semântico (*a gente ficou arrasada* (referência exclusiva a mulheres) ou *a gente ficou arrasado* (referência mista ou exclusiva a homens). A partir dessa mudança de propriedade, a combinação formal no predicativo com formas no masculino e no feminino teria relação direta com o sexo do referente. Entretanto, o fato de *a gente* pressupor “o falante e mais alguém”, ou seja, a noção de pluralidade intrínseca a essa forma, “variante de *nós*”, permite várias possibilidades interpretativas ao estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas. Com base no *corpus* do Projeto NURC-Rio⁶, constataram-se apenas duas possibilidades de co-ocorrência de *a gente* em estruturas predicativas, quais sejam: masculino-singular – referente [misto], [genérico] ou [homens-exclusivo] – e/ou feminino-singular – referente [mulheres-exclusivo]. Os exemplos abaixo ilustram cada caso:

I - [-fem, -pl]

[3] “nesse ponto lá em casa *a gente* é muito cuidadoso” (NURC-RJ, AC.014, H2) **[referente misto]**

[4] “se *a gente* vai preparado para isso, o filme” (PE, inq. 194 H1) **[referente genérico]**

[5] “na época *a gente* era...era...novo” (NURC-RJ, AC.01, H1) **[referente masculino exclusivo]**

⁶ Projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro.

II - [+fem, -pl]

[6] [-pl]“na hora *a gente* fica revoltada” (NURC-RJ, AC.020, M2) [referente feminino exclusivo]

A combinação de *a gente* com formas no feminino-plural [+fem,+pl] é restrita a predicados verbo-nominais do tipo “*a gente* sempre *sai juntas* e tal” (NURC-RJ, M1). Em estruturas predicativas canônicas, por sua vez, a combinação com o plural só foi atestada, entre os falantes cultos, com o sujeito *nós* pleno ou nulo:

- a. *nós* estamos acostumados
- b. *nós* estamos acostumadas

Empiricamente, constatou-se, em síntese, que entre os falantes cultos (Lopes 1999, 2003):

- a) A concordância com o masculino é mais produtiva quando o referente é [misto] ou [genérico].
- b) A concordância com o feminino é mais produtiva quando o referente é [mulheres exclusivo], prevalecendo a combinação com *a gente* no singular e *nós* no plural.
- c) Com referente [misto], homens utilizam preferencialmente *nós*, e mulheres *nós* ou *a gente*.
- d) Com referente [genérico ou abstrato] prevalece o uso de *a gente* concordando com o masculino singular, entre homens e mulheres.
- e) Entre homens e mulheres, a concordância com o masculino singular favorece *a gente* e com masculino plural favorece o uso de *nós*.

Em um estudo realizado a partir de uma amostra de fala popular⁷, Vianna (2003) identificou as mesmas estratégias predicativas com o

⁷ Amostras do Projeto Censo/Peul (*Censo da Variação lingüística no estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua*) coletadas em épocas distintas.

pronome *a gente* [feminino ou masculino, singular] que foram localizadas na amostra de falantes cultos. Com a forma conservadora *nós*, entretanto, verificou 04 estratégias diferentes:

- 1) *Nós estamos cansado*: (42/123 – 34%)
- 2) *Nós estamos cansados*: (68/123 – 55%)
- 3) *Nós estamos cansada*: (02/123 – 02%)
- 4) *Nós estamos cansadas*. (11/123 – 09%)

A maior diferença de comportamento identificada nesse estudo refere-se, contudo, ao uso do masculino-singular que se generaliza combinando-se tanto com *nós* como com *a gente* em ambos os sexos. Tal comportamento pode sugerir que o masculino, por ser a forma neutra e não-marcada, tem se generalizado como *default*, principalmente quando a referência é inespecífica: referente [misto] ou [genérico]. Na análise feita pela autora, confrontando-se dados de duas décadas diferentes — anos 80 x anos 2000 — com informantes diferentes (mulheres), evidenciou-se, como pode ser visto no gráfico a seguir, uma mudança de comportamento das mulheres. Aparentemente há uma inversão de comportamento lingüístico com a generalização do **masculino-singular** de uma década para outra como a forma mais produtiva (de 44% nos anos 80 para 63% nos anos 2000). Tal estratégia suplantou o emprego do **feminino-singular** que sofre uma queda significativa de 56% para 38% vinte anos depois. O caráter genérico e indeterminado de *a gente* pode estar condicionando um uso maior de estruturas predicativas com o masculino-singular (forma não-marcada em português) nos últimos vinte anos.

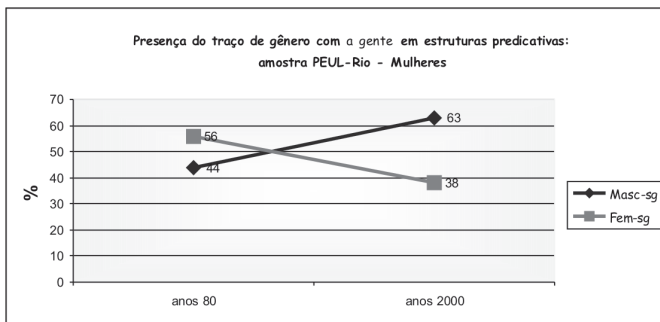


Figura 2 – Presença do traço de gênero em estruturas predicativas (Viana, 2003)

4.3. Manutenção da pessoa formal e mudança da pessoa semântica na pronominalização de *a gente*

Na sistematização dos traços de pessoa, postulou-se que a forma pronominalizada *a gente* teria herdado o traço formal [feu] do substantivo, pois continuou, pelo menos entre os falantes escolarizados, a se combinar com formas verbais de P3⁸ – a “pessoa *default*” de Rororyck (1994) ou a “não-pessoa” de Benveniste (1988). Entretanto, em termos de pessoa semântica, houve uma mudança interpretativa na medida em que passa a compreender o “eu-ampliado”: o traço deixou de ser [φEU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal. Tal postulação pode ser referendada por dois indícios sintáticos. O primeiro seria a concordância verbal com P4, freqüente no português não-padrão e o segundo seria a co-indexação pronominal com *nosso(s)/nossa(s)*. Observem-se os exemplos abaixo:

- (i) *A gente* (aquela *gente*) pegou a comida *dela* / a *sua* comida.
da. (*a gente* =_i nome) ij i/j

⁸ P3 = 3ª pessoa e P4 = 4ª pessoa ou 1ª pessoa do plural.

(ii) *A gente* pegou a *nossa* comida (ou a comida *da gente*). (*a gente* = pronome)

Defende-se que os possessivos *seu/ dele* podem, ou não, ser co-indexados à forma nominal *gente em (i)*. É possível interpretá-los referindo-se à “*a gente (aquela gente) = pessoas*”, embora a leitura “a comida é de outra(s) pessoa(s)” também seja gramatical. Para interpretar *a gente* como pronome, somente as formas *nosso/a* ou *da gente* podem ser seus co-referentes, como se vê em (ii).

Os resultados confirmam a hipótese de que a co-referência ou co-indexação aos possessivos de P3 do tipo *sua/ dela* e de P4 (*nossa*) está em distribuição complementar: os primeiros em paralelismo com o substantivo *gente* e o segundo, o possessivo *nossa*, com a forma pronominalizada *a gente*. Durante o período em que (*a gente*) é utilizada apenas como substantivo, do século XIII ao XVIII, foram registradas, no estudo feito por Lopes (1999), 21 ocorrências co-indexadas às formas de P3 (*seu/ dele*), como nos exemplos a seguir:

[7] Non sei eu ja no mundo conselho prender;
 (e) mais de mil cuidados já no coração cuidei;
 ca, pro mia vida mais podesse durar,
 vergonha i á d’assi antr’ *as gentes* andar,
 pero (que) de min nen *d’eles* nenhum sabor ei;
 e sequer non ei (já) razon que lhes apõer,
 quando me preguntan [por] que ei tan trist’ andar.
 (Séc. XIII, CSM, Mettmann 1972:771, V.I).

[8] *a gente* da terra perdem *suas* casas.
 (Séc. XV, *Livro da Cartuxa*, Dias 1982).

[9] ali faziam correr *a gente* e assi mantinham *sua* peleja.
 (Séc. XV, VFJC, Mateus 1971).

A partir do século XIX, com o início da pronominalização de *a gente*, a combinação com o possessivo *nossa* começa a ser implantada. Localizou-se 01 exemplo no século XIX e 19 no século XX – todos associados ao pronome *a gente*.

[10] *a gente* vai mudar as *nostras* coisas para o terreno.
(Séc. XX, Mendes 1981:118).

Na amostra de fala constituída apenas por entrevistas de falantes cultos, Lopes (1999, 2003) analisou ainda a variação entre o uso de *nós* e *a gente* em tempo real de curta duração. Nos dados de falantes cultos, não foram localizadas ocorrências de *a gente* com verbo na primeira pessoa do plural (P4). Entretanto, a autora procurou controlar a presença, ou não, de elementos na primeira pessoa do plural combinando-se com *a gente*: pronome *nós* e forma verbal em P4 em orações coordenadas ou possessivos. Tais estratégias na vizinhança de *a gente* permitem a interpretação “inclua o falante”, ou melhor, licenciam tal interpretação. Observem-se os exemplos:

Presença de P4:

[11] “E sai no *nosso* diploma que *a gente* tem condições de assinar uma planta” (NURC-RJ, AC. 01, H1) (P4 presente no pronome possessivo).

Ausência de P4:

[12] “Ah, o que *a gente* comia muito lá é sanduíche e sopa de cebola.”(Inq 050,RJ,H1)

Na verdade, parece óbvio supor que a presença de traços formais de P4 serão mais freqüentes com o pronome *nós* que com a forma *a*

gente, como pode ser visto na tabela abaixo. Entretanto, mesmo não apresentando concordância verbal com P4 entre os falantes cultos, a forma *a gente* ocorre em paralelismo com marcas formais de P4, evidenciando que a sua estrutura conceptual pressupõe a inclusão do falante, ou o traço semântico [+EU]. Apesar de *a gente* não ter alterado o traço formal do substantivo [Øeu], a interpretação semântica [+EU] pode ser identificada no contexto sintático-discursivo.

Grupo:	Década 70		Década 90 (AC)	
	Nº/T	%	Nº/T	%
Presença de P4	010/142	07	028/076	37
Ausência de P4	095/110	86	118/124	95

Tabela 1(adaptado de Lopes (2003) – Presença de P4 *em tempo real de curta duração*
Valor de aplicação: *a gente*

Com base em tais resultados, percebe-se que, embora os valores de frequência estejam abaixo da média para a **presença** dos traços formais de P4 com *a gente*, houve alteração no comportamento da comunidade de uma década para outra. Na amostra relativa à década de 90 com informantes diferentes⁹, os índices atingem o patamar dos 37%. Tal acréscimo progressivo pode sugerir que a interpretação semântica [+EU] está cada vez mais presente em termos formais, mesmo entre falantes cultos que não costumam estabelecer a concordância de *a gente* com P4. Isso ocorre, principalmente, em estruturas paralelas. O falante inicia um enunciado com *a gente* e encadeia uma série de estruturas com a presença de P4, seja no verbo, seja em for-

⁹ Como mencionado no item 2, propõe-se um estudo de tendências (Labov, 1994) que pressupõe a reaplicação, passado um certo número de anos, de uma mesma análise feita com novas entrevistas, a partir dos mesmos critérios de distribuição da amostra populacional, o mesmo tipo de entrevista (idênticos métodos e técnicas de recolha de dados em dois marcos de tempo distintos). Isso consiste na comparação de dados linguísticos de informantes diferentes em curto espaço de tempo. No caso em questão, confrontaram-se entrevistas de falantes cultos realizadas na década de 70 com outras entrevistas feitas na década de 90 para análise do comportamento da comunidade. A comunidade muda ou não muda de comportamento 20 anos depois?

mas pronominais correlatas. Observem-se esses exemplos extraídos de entrevistas e reportagens de jornais:

[13] O objetivo era preparar tudo para a chegada da Regina. *A gente trabalhou* à beça e **pesquisamos** um monte de coisa. Para parecer que tudo foi feito de improviso, conta Alberto. (*Jornal do Brasil*, 19/08/97)

[14] Maria Bartolomeu Silva (dona-de-casa): Nunca vi a cidade tão desorganizada como agora. *A gente* não se **sente** seguro nas ruas. Mesmo sabendo que refrescaria um pouco, **torcemos** para não chover, porque **temos** medo que as águas inundem a cidade. Resultado: **morremos** de calor...(*Revista de Domingo do Jornal do Brasil*, 08/02/98)

[15] “por isso, *vamos* conversar. Entre em contato com *a gente*, para *nos* contar o que aconteceu. *Queremos* saber os motivos que levaram a essa decisão.” (*Extraído de uma carta comercial da Diretoria da Editora Globo, maio/1998*)

5. A *persistência* vs. *decategoriação* e os rearranjos sistêmicos

Em suma, comprovou-se a *persistência*, nos termos de Hopper (1991), de algumas propriedades intrínsecas ao nome *gente*. Como se viu até aqui, *persiste* na forma gramaticalizada *a gente* a concordância com verbo para a terceira pessoa do singular, embora a interpretação semântica seja de primeira pessoa do plural. Mantém-se inclusive o caráter indeterminador e coletivo do nome primitivo.

Houve, entretanto, algumas alterações ou adoção de propriedades tipicamente pronominais, o que nos remete ao princípio da

decatégorização. Com a gramaticalização, a forma *a gente* passa a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas (*a gente está bonita/a gente está bonito*). Um outro aspecto refere-se à perda gradativa dos privilégios sintáticos da categoria nominal, como o fato de o nome *gente* poder ser determinado por anteposição (*aquela gente saiu*), posposição (*gente interessante saiu*) ou anteposição-posposição simultânea de determinantes no SN (*esta gente esperta saiu*), passando a assumir um dos atributos característicos dos pronomes pessoais que é o de não poder ser determinado no sintagma nominal, ocorrendo preferencialmente isolado no SN¹⁰ (*a gente saiu*). A possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal¹¹, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade. Na amostra analisada por Lopes (2003), os raros exemplos em que havia algum tipo de determinação ocorreram nos dados dos séculos XVIII a XX considerados como de “*interpretação ambígua*”, pois poderiam ser considerados como “as pessoas em geral, inclusive o *eu* (que também é *ser-pessoa*)” ou como “*eu+alguém*” = *variante de nós*. Estabelece-se, pois, uma oposição entre o uso substantivo e os casos ditos duvidosos, que aparentemente já aparecem com um uso pronominal, mas não se tem certeza com relação a essa leitura. Vejam-se alguns exemplos e alguns resultados:

¹⁰ A princípio, apesar de os pronomes e os substantivos exercerem as mesmas funções sintáticas (núcleo do sujeito, complementos e sintagmas preposicionados) – o que já levou alguns autores a considerarem desnecessário se ter a classe dos pronomes como uma classe funcional à parte – há pelo menos uma diferença fundamental em termos de comportamento sintático: os pronomes, principalmente os pessoais, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam, em geral, como núcleos isolados no SN. Pode-se dizer: “a *garota* estudou”, enquanto “*a ela estudou”, ou “*o eu estudei” seriam agramaticais.

¹¹ Os raros casos de determinação com pronomes pessoais ocorrem com as formas plurais: *nós três, nós todos, três de vocês, vocês dois*, além do emprego de intensificadores: *somente eu, mesmo ele*,

a) O item não é modificado:

[16] O mar amanhã está de desafiar *a gente*, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim (=ambíguo) (Séc. XIX, Assis 1900:131-132).

b) O item é modificado por sintagma preposicionado:

[17] *a gente* da mais alta sociedade pratica atos ou há prática dos atos idênticos (= ambíguo) (Séc. XIX, Quorpo Santo 1829-83:331).

c) O item é modificado por advérbio:

[18] Lagoa, para *a gente* daqui, quer dizer; coração, refúgio da abundância (= ambíguo) (Séc. XX, Pires 1971:129).

d) O item é modificado por oração adjetiva:

[19] Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para *a gente* que estava na sala (= ambíguo) (Séc. XIX, Assis 1900:134-135).

Grupo:	Nº/Total	Freq.
Não-modificado	030/133	23%
Modificado por advérbio	001/006	17%
Modificado internamente no SN	004/456	1%
Modificado por Sprep	001/054	2%
Modificado por oração adjetiva	001/025	1%

Tabela 2 – Tipos de *modificação* do item no SN: substantivo *gente* x *a gente* com “interpretação ambígua” no período de XIII a XX – Valor de aplicação: *a gente interpretação ambígua*

A presença de um determinante, anteposto ou posposto ao item favorece o uso do item como substantivo¹². Diversos autores (Heine

¹² Ressalte-se, ainda, que, na análise quantitativa referente ao uso pronominal do substantivo *bonem* no português arcaico (Lopes, 2003), constatou-se o mesmo comportamento que se verifica aqui: maior tendência do emprego pronominal quando o item ocorria isolado no SN (089/118 – 75%).

& Reh, 1984; Croft, 1993; Lehmann, 1982a; Martellota *et alii*, 1996; entre outros) afirmam que um item lexical torna-se mais gramatical quando passa a ocupar posições mais fixas, perdendo a possibilidade de mover-se livremente e ocorrendo como núcleo isolado. Evidencia-se, pois, que, nominais ao se pronominalizarem, tendem a ocorrer isolados no sintagma nominal, estabelecendo assim usos funcionais distintivos e restritos.

A introdução de *a gente* no sistema pronominal acarretou, por seu turno, um rearranjo no sistema pronominal tanto no subsistema de possessivos, quanto nos pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos. Omena (2003:65) afirma que “a gente avançou mais em alguns contextos do que em outros”. Segundo a autora, (*preposição + a gente = com a gente*) tem emprego quase categórico entre as crianças no lugar de *conosco*. “Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina”. Em contrapartida, na variação entre *da gente*, como adjunto adnominal, e o possessivo *nosso(a)(s)*, há predomínio da forma conservadora (*nosso* e variantes) (Omena 1996:190-1).

O quadro a seguir, discutido por Menon (1995), registra tais alterações e as novas correlações variáveis:

Quadro I:

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	PRON. COMP. INDIRETO	POSSESSIVOS
P4 (-mos) ¹³ Ex: <i>Cantamos</i>	(NÓS)	NOS	NÓS - CONOSCO	NOSSO(A)(S)

Quadro II (situação atual):

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	PRON. COMP. INDIRETO	POSSESSIVOS
P4 (-mos~ 0) Ex: <i>Cantamos</i> ~ <i>A gente canta</i>	(NÓS) ~ A GENTE	NOS~A GENTE	NÓS/CONOSCO~ (Preposição) + A GENTE	NOSSO(A)(S)~ DA GENTE

13 P4 = PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

6. O atual estágio da situação: a variação *nós* e *a gente*

Diversos estudos com amostras diferenciadas do português do Brasil (Omena 1986; Lopes 1993, 1999, 2003; Alves Fernandes 1996; Machado 1997, entre outros) procuraram demonstrar os fluxos e contra-fluxos da implementação da forma inovadora *a gente* sobre a mais antiga *nós*. As duas estratégias coexistem no português falado do Brasil, mas aparentemente a forma inovadora vem ganhando terreno nos últimos 30 anos. Para dar um panorama geral do estágio atual da mudança, serão apresentados os resultados de dois trabalhos com amostras de fala carioca diferenciadas, em termos de grau de escolaridade: nível superior (amostra do Projeto NURC/RJ - Urbana Oral Culta) e nível médio (amostra do Projeto PEUL-RJ). Propõe-se a análise do comportamento da comunidade a partir do confronto de duas décadas de cada projeto anos 70 e 90 e anos 80 e 2000, respectivamente.

6.1. Estudos de tendências: o comportamento da comunidade – dados do Rio de Janeiro

Na figura a seguir, apresenta-se o comportamento da comunidade, conjugando-se todas as amostras. Vê-se que a substituição de *nós* por *a gente* se está efetivando progressivamente nos últimos 30 anos, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos no Rio de Janeiro. Na amostra NURC relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora, mas a nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, sugere, ao contrário, um uso mais freqüente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *a gente* na fala carioca. Nos resultados de Omena (2003), décadas de 80 e anos 2000, no entanto, a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. Aparentemente, com esse gráfico, observa-se que a comunidade apresenta-se **instável**, se levarmos em conta os falantes cultos, mas quanto aos não-cultos,

nota-se uma certa estabilidade no comportamento da comunidade de uma década para outra.

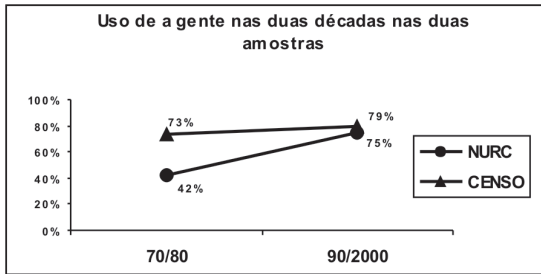


Figura 4 – Uso de *a gente* em duas amostras de fala carioca (Callou & Lopes, 2004)

Interessante comentar ainda, a partir da análise contrastiva desses resultados, que o comportamento lingüístico configurado para os falantes não-cultos, na verdade, evidenciava um prenúncio do que se observaria mais tarde entre os falantes cultos, tanto que os índices percentuais nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente os mesmos (entre 75 e 79%). A gradativa implementação da forma inovadora se disseminou pela comunidade, pelo que tudo indica, propagando-se de baixo para cima. Os gráficos a seguir mostram o comportamento por faixa etária nas duas amostras do Rio de Janeiro (NURC-RJ x PEUL-Censo-RJ):

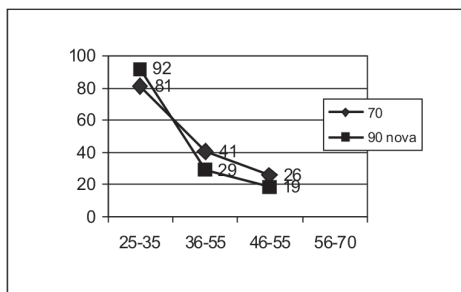


Figura 5 – Uso de *a gente*: amostra NURC-RJ

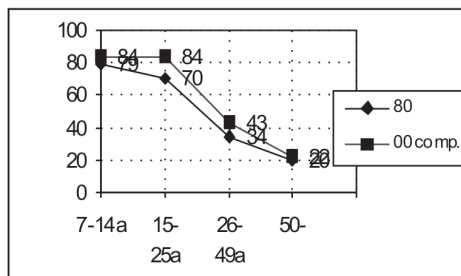


Figura 6 – Uso de *a gente*: amostra CENSO

A configuração das curvas nos dois períodos apresenta o mesmo tipo de traçado tanto na amostra NURC quanto na do PEUL. No confronto das duas décadas, evidencia-se um crescimento significativo na primeira faixa etária, principalmente na amostra NURC. Os altos índices entre os jovens poderiam sugerir uma mudança em progresso, entretanto, há retração nas demais faixas etárias entre os falantes cultos cariocas. Na amostra

CENSO-PEUL, de falantes não-cultos, os valores são mais altos em quase todas as faixas etárias nos anos 2000. Comparando os dois gráficos, que apresentam uma distribuição etária diferenciada, nota-se, entretanto, o mesmo comportamento se levarmos em conta a idade dos falantes. As primeiras duas faixas etárias da amostra Censo (até 25 anos) apresentam comportamento semelhante ao primeiro grupo etário do Projeto NURC: maior uso de *a gente*. Entre os falantes adultos – faixa etária 3 do Projeto Censo e faixa 2 do Nurc – a forma padrão *nós* suplanta o uso da forma inovadora (*a gente*).

6.2. A atuação de alguns fatores lingüísticos no comportamento da comunidade

6.2.1. Saliência fônica

Omena (2003:62) afirma que “a inserção de um elemento novo num ponto do sistema desencadeia uma reorganização desse sistema”. A forma *a gente*, inserida no quadro de pronomes pessoais, combina-se a formas verbais menos marcadas, ao passo que *nós* combina-se a formas verbais foneticamente mais salientes, tendendo a uma maior estabilidade. Parte-se do princípio da saliência fônica, proposto inicialmente por Naro & Lemle (1977), que postula o seguinte: entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada, caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência a se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. A hipótese da saliência fônica é a de que nos níveis de menor diferenciação fônica a forma *a gente* tende a ocorrer mais. Quando há maior saliência fônica entre as formas verbais (*somos* × *é*) a ocorrência de *a gente* é menos provável. Nas tabelas, a seguir, os resultados apresentados vão das formas menos salientes para as mais salientes.

<i>Saliência Fônica</i>	<i>Década</i> Nº/T	70 %	<i>P.R.</i>	<i>Década</i>	90	(AC) <i>P.R.</i>
Falando	—	—	—	002/002	100	—
Falava/falávamos	037/086	43	.58	057/065	88	.71
Fala/falamos	042/063	67	.78	045/057	79	.56
Falar/falamos	006/006	100	—	006/006	100	—
Saiu/saímos	001/029	03	.09	004/011	36	.16
Faz/fazemos	006/022	27	.28	010/012	83	.63
É/somos	007/032	22	.27	013/036	36	.16

Tabela 3 – Uso de *a gente* e *saliência fônica*: NURC

<i>Saliência Fônica</i>	<i>Década</i> Nº/T	80 %	<i>P.R.</i>	<i>Década</i>	2000	(AC) <i>P.R.</i>
Falando	11/11	100	—	004/004	100	—
Falava/falávamos	128/180	71	.72	135/166	81	.72
Fala/falamos	377/421	90	.59	250/286	87	.55
Falar/falamos	098/105	93	.49	045/046	98	.85
Saiu/saímos	158/263	60	.39	151/202	75	.48
Faz/fazemos	215/282	76	.35	173/234	74	.31
É/somos	014/033	42	.22	008/028	29	.04

Tabela 4 – Uso de *a gente* e *saliência fônica*: CENSO-PEUL

O princípio da *saliência fônica* mostrou-se fator relevante na explicação do fenômeno de substituição de *nós* por *a gente* nas amostras de fala do Rio de Janeiro. A forma *a gente* é utilizada preferencialmente com as formas verbais que apresentam menor grau de *saliência fônica*. Realidade oposta ocorre com o pronome *nós*: quanto maior a diferenciação fônica entre P3 e P4, maior a probabilidade do uso de *nós*.

Resalte-se ainda a relação entre o princípio da *saliência* e o tempo verbal, inicialmente apontada por Fernandes & Gorski (1986). Pelo fato de o presente e o pretérito perfeito do indicativo terem a mesma forma na 1ª pessoa do plural, a desinência **-mos** tem sido cada vez mais utilizada pelo falante para marcar o tempo pretérito. Daí a maior utilização de *nós* nesse tempo, empregando-se a forma *a gente* no presente do indicativo para estabelecer uma oposição antes neutralizada pela falta de marcas formais entre os dois tempos verbais.

Mesmo apresentando algumas discrepâncias entre os resultados, observa-se que a passagem do tempo não alterou o comportamento da comunidade, seja entre cultos e não-cultos cariocas. Interessante observar que os valores tornam-se ainda maiores na amostra com indivíduos diferentes (nova amostra 90-NURC e 2000-PEUL) com frequências ainda mais altas nos primeiros níveis. Isso talvez tenha ocorrido pelo fato de *a gente* estar se tornando cada vez mais usual, e os espaços funcionais cada vez mais restritos, uma vez que os níveis 2 e 3 referem-se ao pretérito imperfeito e ao presente do indicativo.

6.2.2. O traço [+/- determinado] do referente

Na análise do uso do substantivo *homem* como pronome indefinido no português arcaico, Lopes (2003) verificou que esse emprego está diretamente relacionado com a perda da referência do nome substantivo que, ao ser utilizado como pronome, assume uma acepção indeterminada. Em um estágio intermediário do processo gradual de perda de especificidade, o item assumiu um caráter genérico antes de atingir o grau máximo de indeterminação.

Herdando talvez o traço indeterminado do substantivo *gente*, *a gente* integra-se ao sistema pronominal concorrendo com *nós*. Na verdade, postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: *gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente* [substituto virtual do pronome pessoal *nós*]. A forma plural *nós* também permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como *eu + você* ou *eu + ele*, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*. Em termos comparativos, os diversos estudos sincrônicos (Omena, 1986; Monteiro, 1991; Lopes, 1993, entre outros) já demonstraram que há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (*não-eu*), ou a *não-pessoa*: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento

em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente* (Lopes, 1993:130).

Grupo:	Década 70			Década 90 (AC)		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	P.R.
Determinado	031/131	24	.22	074/125	.59	.23
Indeterminado	044/080	55	.89	043/046	93	.96

Tabela 5 – Uso de *a gente* segundo o traço [+/- determinado] do referente: NURC

Grupo:	Década 80			Década 00 (AC)		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	P.R.
Determinado	296/444	67	.44	286/358	80	(.61)
Indeterminado	694/820	85	.53	482/610	.79	(.43)

Tabela 6 – Uso de *a gente* segundo o traço [+/- determinado] do referente: CENSO

Os resultados observados na amostra NURC-RJ confirmam a hipótese postulada, pois verificam-se altos índices percentuais e de peso relativo para o emprego genérico e impessoal (indeterminado) de *a gente* e índices mais baixos para o emprego como referência específica (determinado). Nos resultados de Omena (2003), entretanto, nota-se, na amostra 2000, que *a gente* torna-se indiscriminadamente mais produtivo nos dois contextos de referência: determinada e indeterminada, o que referenda, nesse caso, um comportamento instável da comunidade de uma década para outra. Mesmo entre os falantes cultos, percebe-se um aumento de 24% para 59% de 70 para 90 para referência determinada. Tais resultados podem sugerir a generalização de *a gente* para todos os contextos como forma quase que obrigatória.

7. Outras considerações e correlações finais

Ao analisar os diferentes estados da língua, neste estudo, observou-se uma perda gradativa e não instantânea dos traços formais

através dos séculos. Isso pode referendar a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um *continuum* e não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários.

O primeiro aspecto que referenda tal posição refere-se à pronominalização de nominais. O substantivo *homine* já veio indefinido do latim vulgar e tomou rumos diferentes nas filhas neolatinas. No francês, a gramaticalização se efetivou por completo, mas em português, o processo foi interrompido no século XVI e a lacuna no sistema *ficou à espera* de uma nova forma. Coincidência ou não, é por essa época que certas propriedades tipicamente nominais, como o *traço de número*, começam gradativamente a não ocorrer com o substantivo (*a*) *gente*, o que pode ter interferido no processo de pronominalização desta forma, que se tornou forte candidata a ocupar a vaga deixada pelo *homem* indefinido.

Ainda é possível estabelecer outras correlações. A primeira delas refere-se aos contextos em que o vocábulo *homem* poderia ter uma leitura pronominal no português arcaico. Embora os grupos de fatores propostos não tenham sido sempre os mesmos nas diversas análises, alguns como *tipologia semântica do sujeito*, *tempo verbal*, *posição do item no SN (isolado no SN, antecedido por determinante ou seguido por modificador)*, entre outros, foram testados *na longa e na curta duração*. Dois deles - a *tipologia semântica* e a *posição no SN* - foram sistematicamente selecionados e apresentaram resultados similares. O *homem* como indefinido no português arcaico apresenta um peso relativo de .87 para uma *leitura impessoal/indeterminada* e ocorria mais freqüentemente *isolado no sintagma nominal* (.90). A forma *a gente* também apresenta altos índices nesses contextos, na análise de *longa duração* e até na de *curta duração*. Tais observações sugerem que, na pronominalização de nominais, o item lexical passa a ocupar posições gramaticais mais fixas, tipicamente pronominais segundo Perini (1995:314), e assume um caráter mais genérico e indeterminado.

Com relação ao *estudo em tempo real de curta duração*, percebeu-se, em suma, que a substituição de *nós* por *a gente* implementou-se de forma acelerada nos últimos vinte anos na fala carioca principalmente entre os falantes não-cultos, apresentando, entretanto, um comportamento estável nesse grupo: as mesmas taxas de frequência nos dois períodos analisados. Com relação aos falantes cultos, observou-se certa instabilidade dos anos 70 para os anos 90, pois o comportamento se inverteu nessas últimas décadas: *a gente* torna-se mais usual que *nós*, assumindo o mesmo comportamento observado antes na fala popular do Rio de Janeiro: mudança de “baixo para cima”. A forma inovadora vai lenta e constantemente ganhando terreno de sua concorrente, mesmo que de maneira estável.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, M. A. de 1855. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Introdução de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.

ALVES FERNANDES, E. 1996. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado.

ASSIS, M. 1900. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.

BENVENISTE, E. 1988. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP.

CALLOU, D. & LOPES, C. R. dos S. 2004. *Contribuições da sociolingüística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística*. João Pessoa: *Revista do GELNE*, 5 (1-2):p.63-74.

CASTILHO, A. 1997. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e literários*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística/UFBA, 19:p.25-64.

CROFT, W. 1993. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge

University Press.

DIAS, J. J. A. (trans. de) 1982. *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*. Lisboa: Imprensa Universitária/Editorial Estampa.

DUARTE, M. E. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. p.107-128.

_____. 1995. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. UNICAMP: Campinas, SP: UNICAMP. Tese de Doutorado.

FARACO, C. A. 1996. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. In: *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR.

FERNANDES, E. & GORSKI, E. 1986. A concordância verbal com os sujeitos Nós e *A gente*, um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*, Salvador: Instituto de Letras da UFBA. p.175-83.

HEINE & REH 1984. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.

HEINE, B. 2003. Grammaticalization. In: Joseph, B. & Janda, R. D. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. p.575-601.

HOPPER, P. 1991. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, Volume I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company.

HOPPER & TRAUGOTT, E. C. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

KROCH, A. 1994. Morphosyntactic Variation. Paper presented in the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory.

LABOV, W. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.

- LEHMANN, C. 1982. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. *Lingua e Stile*, XX, 3; p.303-318.
- LICHTENBERK, F. 1991. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, Vol. I., Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company.
- LOPES, C. R. dos S. 1993. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.
- _____. 1999. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado.
- _____. 2003. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, vol. 18.
- MACHADO, M. dos S. 1997. *Sujeitos pronominais "nós" e "a gente" em dialetos populares*. *Graphos* 2 (1):p.5-22.
- MARTELOTTA, M. E. et alii (org.) 1996. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ.
- MATEUS, M. H. M. (ed. de) 1971. *Vida e Feitos de Julio Cesar*. 2 vols., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MENDES, O. 1981. *Portagem*. São Paulo: Ed. Ática.
- MENON, O. da S. P. 1997. O sistema pronominal na região sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 510-512.
- _____. 1995. O sistema pronominal do português. *Revista Letras*, Curitiba, (44):p.91-106.
- METTMANN, N. (ed. de) 1972. *Cantigas de Santa Maria*. Afonso X, O Sábio. Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. IV. (Glossário).
- MONTEIRO, J. L. 1991. *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Tese de Doutorado.
- OMENA, N. P. & BRAGA, L. M. 1996. *A gente está se gramaticalizando?*. In: MACEDO, A. T., RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (org.): *Variação e Discurso*, Rio de Janeiro, Tempo

Brasileiro. p.75–84.

_____. 1986. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. *et alii*. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2:p.286–319.

NARO, A. J. & LEMLE, M. 1977. *Syntactic diffusion. Papers from the Parasession on Diachronic Synt.*, Chicago, CLS Reprinted in *Ciência e Cultura*, 29(3):p.259–68.

OMENA, N. P. 2003. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C. & DUARTE, M. E. L. 2003. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa.

PAREDES SILVA, V. L. 2000. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da Abralín* (CD-rom).

PERINI, M. 1995. *Gramática Descritiva do Português*. 2^a edição. Rio de Janeiro: Editora Ática.

PIRES, J. C. 1971. *O Delfim*, 4^a ed. Lisboa: Moraes Editores.

QORPO SANTO, pseud. de José Joaquim de Campos Leão 1829-1883. *Teatro Completo*, Fixação do tempo, estudo crítico e notas de Guilhermino César, Rio de Janeiro, SNT/FUNARTE, (1980).

ROORYCK, J. 1994. On two types of underspecification: Towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*, 6:.p.207-233.

SCHERRE, M. M. .P. *et alii*. 2000. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *II Congresso Internacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia. p.1333-1347.

TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.) 1991. *Approaches to grammaticalization*. Volumes I e II. Philadelphia: John Benjamins Company.

VASCONCELOS, C. M. de (ed. de) 1990. *O Cancioneiro da Ajuda*, 2 volumes, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

VIANNA, J. B. de S. 2003. Nós e a gente sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número. *Ao Pé da Letra*, Recife, 4(2) p.123-132.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I, 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.